

A ANGÚSTIA NA OBRA LÍRICA DE LÍLIA SILVA

Job Lopes

Introdução

O artigo tece uma análise psicanalítica a fim de compreender dois poemas selecionados a partir da fortuna literária da escritora. O poema "Rosa de Máscaras" (1991) e o poema "Salmo da solidão" (1991). A seleção do corpus se dá pela análise constante do tema da angústia em inúmeros poemas da autora, não há um livro que seja específico sobre a abordagem dessa temática, mas verificou-se sua presença em diversas obras.

A poesia de Lília Silva apresenta um eu lírico angustiado, que sofre por uma frustração do passado, pela possibilidade de um futuro e pelo vazio existencial de um presente que o inquieta. A escritora configura uma lírica que se constrói por meio das facetas humanas. E sendo o homem, o seu principal elemento lírico, a angústia torna-se mais que inerente a ele. Ainda que o imaginário se constitua em sua fortuna poética, a espinha dorsal de sua poesia está no "Eu" e em seu interior.

O indivíduo vive rodeado de conflitos externos, que abalam suas convicções, seja pelas frustrações do trabalho, por desilusões amorosas, por medo da violência urbana ou pela incerteza de um futuro de sucesso. Assim, o eu poético de Lília se constitui angustiado pelas mazelas da vida, no entanto, o que mais o aflige é a angústia gerada pelo "Outro", pela possibilidade do amor. De acordo com a poeta, "a psicanálise mostra que um homem sem amor jamais consegue ser livre, porque não sobrepujou essa primeira dependência humana" (SILVA, 2003, p.46).

A angústia do "eu" diante da existência

O poema "Rosa de Máscaras" de 1966 constrói a representação do homem por meio de uma rosa. O termo representação utilizado nessa tese faz alusão à teoria de Foucault, "Os signos da linguagem já não têm outro valor para além da tênue ficção daquilo que representam. A escrita e as coisas já não se assemelham" (1996, p. 72). O universo deixou de ser imitação e semelhança e passou a ser representação. Ao separar o signo do seu objeto, as palavras deixaram de se ligar diretamente às coisas. O sujeito se encontra diante de códigos e símbolos que constituem o universo. E a partir desses sistemas de sentido está a "representação", que não pode ser considerada uma mimese e nem uma alegoria, pois não imita e nem oculta algo real.

Michel Foucault (1996) argumenta que a linguagem não é a representação do real, pois o signo verbal é arbitrário em relação aos objetos que ele se refere. Dessa forma, a representação transcende uma mera identificação com a realidade, pois ela não seria cópia do real, mas uma forma de semelhança e diferença. Assim, a representação se daria pela repetição, que ao duplicar acaba por criar um sentido novo desenvolvido da não semelhança com o real.

ROSADE MÁSCARAS

Eu ia de rosa na mão.
Todos, todos a queriam.

Cantou o pássaro a ela,
orou a pedra da estrada,
sorriu o menino-sempre,
choveu moedas do rei.

Eu ia de rosa na mão.
Todos, todos a queriam.

Era rosa de farçante,
cada pétala uma máscara,
mas mesmo a estrela queria.

Troquei de rosa estrada,
Pra quebrar o cotidiano.
Era rosa, simplesmente,
espelho do que eu sentia.
E fui de rosa na mão,
tinha manto de rainha...

As pedras foram mais duras,
o pássaro não a olhou;
menino e reis fugiram
e a estrela não a aceitou.

Voltei à rosa antiga,
E andei com ela na mão.
O mundo todo sorriu
à rosa de máscaras, fria,
e à angústia em meu coração.
(SILVA, 1991, p.73).

A rosa se configura no poema como uma representação do homem contemporâneo, um sujeito fragilizado constituído por dramas existenciais, que se afugenta na melancolia e na angústia da busca pela felicidade. O eu lírico se

configura no poema como a persona, um conceito junguiano para tratar das máscaras sociais. A máscara é utilizada como disfarce do sofrimento, como camuflagem do interior, isto é, como defesa do indivíduo perante o mundo, uma forma de manter-se forte diante da realidade.

A persona para Jung (1984) é um complexo sistema de analogia entre a consciência individual e a sociedade, ela se articula como uma máscara determinada a causar o efeito que o "Eu" almeja em outrem, assim como também, encobrir os reais sentimentos do sujeito. É por meio, da persona, que o homem busca atingir o seu ideal, ele constrói uma máscara para se projetar através dela e, assim, alcançar os seus objetivos. Mas ela é também um esconderijo, um refúgio para acolher suas fraquezas e falhas.

Há em cada indivíduo um outro "Eu" a ser descoberto conforme os estudos de Jung (1984), o ser humano existe tanto no plano consciente quanto no plano inconsciente, ele age nesses dois polos que devem ser complementares e comunicáveis. O "Eu" com sua máscara percorre sua travessia agradando todos ao seu redor, a poeta diz, "Eu ia de rosa na mão / Todos, todos a queriam / Cantou o pássaro a ela / orou a pedra da estrada / sorriu o menino-sempre / choveu moedas do rei / Eu ia de rosa na mão / Todos, todos a queriam", seja o amado através do pássaro, a juventude – menino, o dinheiro – moedas do rei e até os obstáculos – a pedra; se tornam mais como aponta o eu lírico enfaticamente "todos" a queriam com a rosa na mão, quando se está feliz, alegre e realizado, todas as ações se tornam bem concretizadas, o que passar a desenvolver no "Outro" uma admiração.

O indivíduo é moldado pela relação com "si mesmo" e com o "Outro" e a partir dessa interação, que ele se reconstrói. E assim, reconfigura seu foco, sua aparência e seus atos. O ser humano necessita da aprovação de alguém, de uma aceitação do próximo, essa dependência ocorre em todas as classes e culturas, com crianças: na rivalidade de mostrar para o colega na escola quem possui o desenho mais colorido; na adolescência quando as meninas buscam um figurino que seja mais atrativo que de suas amigas; na maturidade quando o subalterno se esforça para mostrar ao chefe suas qualidades e vários outros exemplos poderiam ser citados desse jogo social entre o "Eu" e o "Outro". O eu lírico se utiliza da máscara para prosperar diante do próximo, ou seja, com ela todas as mazelas se ocultam, o que é verdadeiro se esconde para dar lugar a uma falsa realidade.

No transcórrer do poema, a rosa é trocada, em outras palavras, o homem desvela sua face, a máscara é retirada e ele segue com seus anseios, torna-se um sujeito plenamente "sincero" diante do mundo, assim como nos versos, "Troquei de rosa estrada / Pra quebrar o cotidiano / Era rosa, simplesmente / espelho do que eu sentia / E fui de rosa na mão / tinha manto de rainha ... / As pedras foram mais duras / o pássaro não a olhou / menino e reis fugiram / e a estrela não a aceitou", como pode ser observado ao retirar a máscara – "espelho do que eu sentia"; a simplicidade do eu lírico foi negada; os obstáculos se tornaram difíceis – "as pedras foram duras"; o amado a ignorou – "o pássaro não a olhou"; a juventude e o dinheiro acabaram – "menino e reis fugiram"; e nem mesmo o universo o acolheu – "e a estrela não a aceitou". Diante da conjuntura social, o indivíduo não consegue sobreviver sendo plenamente sincero, pois a interação com o "Outro" exige regras de convivência

e de aparência. O homem sem suas máscaras sociais se torna um ser fragilizado e vulnerável perante o convívio com o próximo. Dessa forma, para Jung,

A persona é um complicado sistema de relação entre a consciência individual e a sociedade; é uma espécie de máscara destinada, por um lado, a produzir um determinado efeito sobre os outros e por outro lado a ocultar a verdadeira natureza do indivíduo [...]. A identidade com a persona determina automaticamente uma identidade inconsciente com a alma, pois quando o sujeito, o eu, é indistinto da persona, não tem relação consciente com os processos do inconsciente. Ele é esses processos, é idêntico a isso. Quem é seu próprio papel exterior também sucumbirá infalivelmente aos processos internos, isto é, há de contrariar, por absoluta necessidade, seu papel exterior, ou vai levá-lo ao absurdo (v. enantiodromia). Fica, assim, excluída qualquer afirmação da linha individual e a vida transcorre em meio a contradições inevitáveis. Neste caso, a alma é sempre projetada num objeto real e correspondente, estabelecendo-se com este um relacionamento de dependência quase absoluta. Todas as reações oriundas desse objeto têm efeito direto e que toca o íntimo do sujeito. Trata-se, muitas vezes, de vínculos trágicos (JUNG, 1991, p. 65-390).

A persona na qualidade de um arquétipo é própria de todo ser humano. É caracterizada pela qualidade de estar constantemente a se formar e a se modificar. Cabe ao sujeito a permanente identificação do que é o próprio ego e do que é persona. O indivíduo deve usar uma máscara em cada situação da vida, pois a existência é de certa forma, uma "dramatização" do homem, e nesse contexto, o sujeito necessita saber o momento oportuno de trocar essa máscara. O que pode ser compreendido no poema lírico, já que o eu lírico altera a máscara e se vê rejeitado por todos a sua volta.

Na última estrofe o eu poético volta a sua primeira faceta, deixa de ser interior e passa a ser exterior, isto é, volta a se mascarar para continuar agradando o "Outro", "Voltei à rosa antiga / E andei com ela na mão / O mundo todo sorriu", os versos manifestam como essa mudança tornou melhor a vida do eu lírico, ao colocar a máscara o mundo todo voltou a sorrir. O mascaramento humano não ocorre de uma forma simples e banal, é um sistema de socialização do sujeito que é acionado em determinadas circunstâncias, pois cabe a ele, fingir, omitir, dissimular, ou seja, se moldar diante daquilo que seja conveniente e benéfico a ele. Mas, há momentos que não é necessário essa máscara sendo o sujeito livre para se expressar como quiser, e isso, dependerá de seus vínculos sociais, do ambiente e lugar que estiver.

A persona abordada por Jung (1991) em suas pesquisas revela esse sistema de convívio, o indivíduo necessita coletivamente exercer diferentes papéis, em distintos locais com diferentes sujeitos, não significa uma mudança de personalidade ou múltiplas identidades, mas utilizar um mecanismo de vivência social, ou seja, ter consciência de que não se pode ser o mesmo e nem ter um único discurso para todas as situações.

O eu poético não consegue conviver diante da fragilidade de vínculos superficiais e de relações efêmeras, assim torna-se "à rosa de máscaras, fria / e à angústia em meu coração", ao se deparar com uma sociedade esvaziada de sentimentos, a angústia toma conta do eu lírico, que se vê fadado a ser controlado, pelo jogo das relações sociais. Pois o que todo sujeito busca é ser o compositor de sua história, e não, um personagem secundário de uma narrativa de outrem.

Segundo Kierkegaard o indivíduo é o centro do universo e cada um é um ser único e particular em sua travessia, pois o homem deve ser o "autor de sua existência" (KIERKEGAARD, 1952, p.197). O mundo se constitui pela transição de inúmeros habitantes, seres que carregam identidades particulares e específicas, com histórias singulares e sentimentos universais, dessa maneira, diante da imensidão de sujeitos "aparentemente" iguais, o indivíduo se angustia pela busca de um espaço diferenciado, por ter destaque entre a multidão, por ser visto, admirado, ouvido. Ele busca ser o protagonista de sua jornada, nas palavras do filósofo, o autor de sua existência. Por esta razão, somente a verdade interna é capaz de edificar e transformar o sujeito, e assim, o constituindo em ser humano. O indivíduo necessita descobrir sua vocação para evoluir existencialmente, segundo Kierkegaard (1980), o homem deve encontrar uma verdade própria: "Se trata de encontrar uma verdade para mim", de encontrar "uma ideia pela qual eu queria viver e morrer", porque é necessário que eu a absorva vitalmente, e isto, deve ser o essencial", (KIERKEGAARD, 1980, p. 75).

A angústia da solidão



Fonte: Lília Silva em noite de autógrafos do seu romance *Almas de barro* em 1959 em São Paulo.

Uma das angústias que mais inquietam o indivíduo como apontou o filósofo Kierkegaard (1980) é a busca por um espaço social, que seja único e apreciado. Mas acima disso, está a angustiante busca pela felicidade que se resume brevemente, em uma vida profissional e pessoal de sucesso e amor. O indivíduo anseia ser admirado e amado pelo "Outro", desse modo, a ausência desses sentimentos o deixam aflito e atormentado na ânsia de suprir essa falta. O poema de Lília Silva, "Salmo da solidão", apresenta um sujeito que acredita na felicidade e que se angustia por não a encontrar.

SALMO DA SOLIDÃO

Enquanto sinto a vida, procura
mágica de esperança
e do absurdo
chamado felicidade,

alguém poderá tirar-me as vendas,
dos olhos.

Mas, as do interior, só eu.
(SILVA, 1991, p.227).

A primeira estrofe apresenta uma definição poética para existência, "procura / mágica de esperança / e do absurdo / chamado felicidade", um dos sentimentos que alimentam os ideais humanos é a esperança e umas das maiores buscas ou talvez a maior seja a felicidade, o que a escritora ironiza ao chamar esse sentimento de "absurdo", pois conforme seus versos, não há uma felicidade que seja plena para ser almejada.

Hodierno, mais do que em outros períodos da história, a busca pela felicidade se encontra mais persistente e angustiante, o ser humano a configura como pré-requisito para se viver bem. Ser feliz é o maior prêmio que o indivíduo pode ganhar desse embate cotidiano entre sujeito/sociedade/realização, isto é, o sujeito precisa corresponder ao que a sociedade impõe: beleza, sucesso, poder, amor, alegria – são alguns elementos que norteiam essa relação social e ao conquistar todos eles o sujeito torna-se realizado, ou seja, completamente feliz. Essa urgência pela felicidade não é exclusividade do sujeito contemporâneo. Nos primórdios, Platão já dizia: "Não é verdade que nós, homens, desejamos todos ser felizes?" (PLATÃO apud COMTE-SPONVILLE, 2001, p. 02). O que na Antiguidade, Pascal também já escrevia, "Todos os homens procuram ser felizes; isso não tem exceção... É esse o motivo de todas as ações de todos os homens, inclusive dos que vão se enforcar..." (PASCAL apud COMTE-SPONVILLE, 2006, p. 10).

O conceito de felicidade sempre foi apontado como um bem conquistado por raros, sendo assim, ela tornou-se a "essência" da condição existencial. Para se tê-la, o indivíduo necessita seguir inúmeras regras sociais: ser bondoso, generoso, ter coragem para superar obstáculos, força para vencer a tristeza, deve sempre lutar para ser o melhor e assim alcançar o sucesso e a admiração; deve desenvolver o máximo de virtudes possíveis para conquistar o amor do próximo – sendo a beleza física um dos principais elementos de sedução. Seguindo todos esses preceitos, não significa que o indivíduo será feliz, mas são os pontos fundamentais elencados pela sociedade para alcançá-la.

Para Platão (1991) a felicidade exige esforço e é uma conquista realizada por poucos. A chave para a felicidade platônica está na relação do homem com seu desejo, conforme o filósofo, enquanto Sócrates representa a sabedoria que doma o desejo, Alcibiades é o seu oposto: o corpo tomado pelo desejo. Nesse sentido, o comportamento de Eros é fundamental para Platão. Como o deus do amor - o mais forte dos desejos, Eros é composto por inúmeros defeitos, encontrando-se entre o divino e o humano. Assim, o homem deveria ter sabedoria suficiente para controlar o poder de Eros e não se deixar levar por suas intervenções, algo que "Alcibiades não foi capaz de fazer diante da paixão por seu mestre Sócrates" (MCMAHON, 2006, p. 33-35).

Segundo White (2009) o indivíduo deveria ser capaz de ordenar suas preferências sem a influência do presente, sem se deixar levar por suas vontades. O gozo de ser feliz suscita em uma grande dificuldade de ser atingido, pois conforme Platão (1991) somente uma pessoa que já havia a conhecido merecia o adjetivo de feliz. Ainda que o processo para alcançar a felicidade necessite da inevitável relação com o "Outro", para o filósofo, a experiência com a verdade e com a harmonia é essencialmente individual: ela está no plano da relação do indivíduo com o mundo.

A segunda estrofe apresenta um eu lírico que compreende sua cegueira diante da existência, "alguém poderá tirar-me as vendas / dos olhos", e ao mesmo tempo manifesta a possibilidade de alguém fazê-lo enxergar a realidade, porém não basta entender as mazelas da vida, se o interior não consegue aceitar a realidade. O verso, "Mas, as do interior / só eu", aponta para um eu poético que mesmo sem as vendas dos olhos só poderá enxergar a existência, sem as do interior.

A felicidade é um dos sentimentos que mais angustiam os personagens na obra literária de Lília Silva, seja na lírica, nos desenhos, teatro ou contos há uma voz a procura da alegria eterna. Característica essa, que torna os livros da autora mais próximos dos anseios humanos, Lília estabelece um diálogo existencial e inquieto com seu leitor, ela revela em suas composições dramas que afligem a relação do homem com o universo e mais profundamente com o "Eu".

REFERÊNCIAS

COMTE-SPONVILLE, André. *A mais bela história da felicidade: a recuperação da existência humana diante da desordem do mundo*. Trad. Edgard de Assis Carvalho, Mariza Perassi. Rio de Janeiro: DIFEL, 2006.

FOUCAULT, Michel. *A palavra e as coisas – uma arqueologia da ciências humanas*. Lisboa: Portugalia, 1996.

JUNG, Carl Gustav. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Trad. Maria Luiza Appy; Dora Mariana Ferreira da Silva. Petrópolis: Vozes, 1984.

JUNG, Carl Gustav. *Psicologia e Alquimia*. Trad. Maria Luiza Appy. Obras Completas vol. XII – Petrópolis: Vozes, 1991.

KIERKEGAARD, Sören Aabye. *O desespero Humano: a doença até a morte*. 1849. 3ed. Trad. Adolfo Casais Monteiro. Porto: Tavares Martins, 1952.

KIERKEGAARD, Sören Aabye. *Dois discursos edificantes de 1843*. Trad. Henri N. Levinspul. Publicação independente, 1980.

PLATÃO. *Diálogos IV*. Trad. Edison Bini. São Paulo: Edipro, 1999, p.10-37.

PLATÃO. *O banquete*. Trad. Donaldo Schüler. Porto Alegre, RS: L&PM, 1991.

SILVA, Lília A. Pereira da. *33 anos de poesia*. Vol. I. São Paulo: João Scortecci, 1991.

WHITE, Nicolas. *Breve História da Felicidade*. São Paulo: Edições Loyola, 2009.